

A infecção por uma doença crônica, sexualmente transmissível, como o HIV, pode refletir as condições nas quais as mulheres foram submetidas durante sua vida, como, por exemplo, violência, baixa escolaridade e baixa renda. Além disso, a infecção pode estar relacionada a muitas escolhas acerca de suas vidas, como uso de anticoncepção e a interrupção da gestação. Alguns estudos demonstraram associação entre aborto e infecção por HIV, assim como relação com violência. No presente estudo, as análises foram realizadas com o objetivo de descrever e comparar as prevalências de aborto e violência entre as mulheres infectadas e as que não possuem este diagnóstico. Trata-se de um estudo transversal formado por dois grupos de mulheres em idade fértil (18-49 anos): no primeiro grupo 686 mulheres soropositivas para o HIV foram recrutadas de forma aleatória nos serviços que atendem HIV/Aids em Porto Alegre e entrevistadas e, no segundo grupo, 640 mulheres soronegativas foram entrevistadas após terem sido recrutadas de forma aleatória em serviços de saúde de Porto Alegre. Da amostra total, 36,2% declararam ter sofrido algum tipo de violência física. Entre as pacientes HIV+, 38,8% sofreram violência em comparação a 33,4% das HIV-. A violência sexual também ocorreu mais frequentemente na população HIV+ (18,5% versus 12,3%), assim como a realização de sexo pago (11,1% das HIV+ em comparação a 3,9% das HIV-). Em relação ao uso de drogas, mulheres HIV+ fizeram maior uso de maconha (60,1%) que mulheres HIV- (38,6%), não mostrando diferença significativa em relação às demais drogas. Da amostra total 104 (7,84%) mulheres declararam ter feito aborto, sendo que dessas 80 (76,9%) eram HIV+. Das mulheres que realizaram aborto, 47,1% declararam ter sofrido violência física, sendo que dessas 40,8% aconteceram antes dos 16 anos e em 63,2% dos casos a violência foi praticada pelo próprio companheiro. Violência sexual foi declarada por 34,6% das mulheres que realizaram aborto, e dessas 63,9% foram praticadas pelo próprio companheiro e 31,1% delas não contaram para ninguém sobre o fato. Nas mulheres que praticaram aborto o uso de maconha e a realização de sexo pago foram declarados, respectivamente, por 39,4% e 20,2% delas, enquanto que na amostra total, por 20,9% e 7,7% das mulheres. O uso de contracepção de emergência não mostrou diferença significativa entre a amostra total e as mulheres que realizaram aborto. É possível perceber que o contexto social no qual as mulheres HIV+ se inserem é bastante complexo, sendo necessário aprofundar temas relacionados às vulnerabilidades às quais elas estão expostas. São estes contextos de vulnerabilidade que as políticas públicas devem visar a fim de reduzir a infecção pelo HIV entre mulheres. Novos estudos são necessários para melhor definir os diferentes pontos de vulnerabilidade dessa população, com o objetivo de interferir em dados passíveis de prevenção e nas suas possíveis consequências futuras.